



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa • Telefone 5339

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

# A INTERNACIONAL VERDE

Uma das consequências da guerra mundial foi trazer a terra, com uma rara acuidade, a questão rural. E, por este motivo, a guerra, preparada pelos capitalistas de todas as nações, desencadeada pelos capitalistas alemães, tem um alcance democrático e social considerável, em sentido absolutamente contrário ao fim que em mira tinham os capitalistas. Os factos demonstram dum modo evidente, para quem sabe ver, como os desejos dos homens são imperantes quando vão ao encontro das directivas gerais seguidas pela humanidade na sua evolução sem fin, determinada, inelutavelmente por uma multidão de factores climáticos telúricos, biológicos e sociais.

Por toda a parte a guerra enriqueceu mais ou menos o camponês, conforme era ou não proprietário total ou parcial da sua exploração. As consequências deste enriquecimento foram diversas. O camponês elevou o seu tipo de vida no ponto de vista alimentar e o vestuário. E no ponto de vista da habitação, isso será obra dum futuro próximo. Ao mesmo tempo, o camponês tomou consciência do enorme papel social representado pela charrua e pelo arado. E por uma forma mais ou menos nítida, compreendeu a indispensabilidade do trabalho da terra.

A sua importância aumentou, aliás legitimamente. O cultivador apercebeu-se que tinha sido uma vítima da guerra e a sua confiança nos chefes desvaneciu-se. A guerra, para muitos, foi uma escola de anarquia. A sua tendéncia actual leva-o a não acreditar em ninguém, a não ser em si, tratando ele só dos seus negócios. Mas, por outro lado, o camponês, por enquanto, só muito confusamente agradece a solidariedade fraterna que o liga, a ele, produtor rural,

Os fenômenos sociais dos nossos dias começam a desvendar-lhe novos horizontes. Daqui a alguns meses, sob a dura pressão das geras condições económicas-sociais, há de por toda a parte aperceber-se da solidariedade que liga os operários das cidades aos operários dos campos.

A guerra provocou, portanto, uma verdadeira revolução camponesa, que se encontra em pleno processo de estabilização.

Se, da costa dinamarquesa do Báltico às margens orientais do Adriático, tirarmos uma linha, pode dizer-se que ao oriente desta linha a massa proletária era ou sobreposta uma massa camponesa. Ontem, isto é, antes da guerra, esta massa de camponés eram os "sem-tudo" porque, no seu conjunto, o solo era propriedade de grandes proprietários territoriais, quase sempre nobres. O regime feudal subsistia na realidade ao oriente desta linha, enquanto que ao ocidente, com exceções ainda muito numerosas, este regime tinha desaparecido.

Constatamos neste facto a permanência de fenômenos sociológicos durante longos séculos, apesar de múltiplas revoluções feitas com sucesso para os destruir.

Hoje, no apósgio da guerra das nações e em plena guerra social, a massa camponesa dos semi-tudo entrou na posse da mesma. Realizou-se isto já na Rússia, nos países Bálticos, na Tchecoslováquia e na Bulgária. Acham-se em via de realização na Roménia, na Polónia, na Iugoslávia e no sul da Itália. Os grandes domínios territoriais são divididos e partilhados entre os trabalhadores do campo. Nuns sitos com indemnização aos proprietários, nouros não. Aqui se faz por compra, além por presta. O detalhe não tem importância. Só tem valor no ponto de vista individual, mas absolutamente nenhum no ponto de vista social.

O que tem valor sociológico, difícil até de medir em toda a sua plenitude, é o facto de pela posse do solo e do seu enriquecimento — por mimimo que seja, e que na realidade é — o camponês ter enfim entrada na órbita da civilização contemporânea.

Até aos nossos dias o bem-estar das cidades repousava na miséria dos camponeses, rendeiros e jornaleiros agrícolas. Presentemente isso acabou. E os que mais hão de sofrer as consequências desti enorme modificação social, serão as diversas fraccões da classe capitalista. Julgam estas poderem continuar a fazer sobre o mundo dos trabalhadores, tanto urbanos como rurais, a prelatura que há tantos séculos fizeram. E assim o creem porque contam opor o campo à cidade, a herdeira à oficina. E' o eterno dividir para reinar.

Os capitalistas esforçam-se presentemente por criar, conservar e desenvolver esta oposição. E acreditamos ter obtido um certo sucesso em França, no ponto de vista eleitoral, na Alemanha do Sul (Baviera) e na Prússia oriental, no ponto de vista anti-socialista, por intermédio das ligas rurais, dirigidas pelos grandes proprietários. Este sucesso será momentâneo, muito curto até, porque, nas actuais condições do mundo, a velocidade com que os acontecimentos se sucedem, aceleram-se em extremo. Este momentâneo sucesso deu aos dirigentes capitalistas a ilusão do triunfo. Tenham um pouco de paciência, muito pouco mesmo e hão de ver desvanecerem-se as suas ilusões ao impulso dos factos. Olhem para a Bulgária. Talvez possam compreender...

Em Fevereiro último, realizou-se em Sofia um Congresso de agricultores. Nele se fizeram representar milhares de delegados. Verdadeiros camponés que cultivam as terras com o auxílio das suas famílias, ou domésticas que compartilham da sua própria vida. E estes milhares de camponés atravessaram a cidade em procissão, levando à sua frente ministros, camponeses como eles, porque o governo búlgaro está nas mãos do partido camponês, o que, repito, não quer dizer que esteja nas mãos do partido dos grandes proprietários da terra. Pois bem. Nesta procissão, como em idas as procissões respeitáveis, havia bandeiras e nelas se lia «Viva a Internacional que há-de consagrar a fraternidade dos povos da Europa e suprimir a ditadura das minorias». «A União é a força!». «Agricultores, uni-vos: a charrua e o arado sustentam o mundo!». «A força, os culpados do castrato e os militaristas!», etc. O camponês de todos os tempos é sempre o camponês do Danúbio do nosso La Fontaine. E, quando ouva, não escute os termos, e agora comece por lida parte a parte a ter admiração. O camponês Stamboulsky, o primeiro ministro da Bulgária, mandou-se porque assim é forçado, como camponês do Danúbio.

Ao dirigir-se à multidão dos delegados do Congresso, disse-lhes que queria a Internacional camponesa para defender os direitos e os interesses dos pequenos proprietários rurais tanto contra os autocratas bolxevistas como contra os autocratas reacionários, grandes proprietários agrários, industriais, financeiros e comerciantes. Preconizou a fundação de cooperativas rurais, não sindicatos agrícolas como em França, cuja direcção está nas mãos dos ricos proprietários, que, quase sempre, nem sequer são os que exploram a terra, mas sim cooperativas que reunissem verdadeiros cultivadores que trabalham, que imponham a chama e que manejam o arado. E, ao mesmo tempo, este primeiro ministro celebra a luta contra a eminência agrária, que não produz, isto é, contra os ricos proprietários da terra, parasitas que vivem da exploração do trabalho dos camponeses.

O partido camponês que governa na Bulgária ama tam pouco o parasitismo que votou no parlamento uma lei a favor do trabalho obrigatório para os adultos de ambos os sexos. Cada habitante deve dar um certo tempo de trabalho à colectividade. Os governos dos Aliados, que são os empregados dos capitalistas, isto é, dos parasitas, não podem admitir semelhante coisa. Por isso interdisseram ao governo búlgaro a execução desta lei, sob o pretexto vâ de que era um disfarce do serviço militar de outrora! E' provável que a interdição não venha a ter valor. Em todo o caso, a lei mostra a tendência dum governo na mão de autênticos camponeses, isto é, de trabalhadores da terra. E o observador há de notar que esta tendência não é nada diferente da dum governo que golvesse nas mãos dos operários, isto é, dos trabalhadores das oficinas.

E' com efeito uma miragem esperar ver uma real oposição entre operários e camponeses. Esta só existe em aparência, pois que não é da natureza das coisas. O demografo sabe que as populações urbanas saem das populações rurais. Estas são o grande reservatório onde as oficinas, manufaturas, escolas, universidades, lojas, armazéns, laboratórios, teatros, jornais, navios, caminhos de ferro, etc., veem servir os braços e os cérebros de que necessitam para funcionar. Camponeses e operários tem a mesma origem, em termos os mesmos gostos, os mesmos costumes, as mesmas necessidades. A sua solidariedade é fraterna por

# BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## EM Torno da Rússia

Volta à batalha nova revolta

HELSINGFORS, 9.—Chegaram aquelas notícias de sublevações na Rússia Branca. As cidades de Gorki, Bioli e Krany foram ocupadas pelos sublevados, apoiados pela população rural.

Os habitantes de Slouts e Igumen organizam bandos que se dispersam pela região. Os comités revolucionários fuzilaram mais de 30 comunistas. — Rádio.

Uma conferência operária

LONDRES, 9.—Comovido pelo sublevação dificilmente reprimida de Cronstadt, o governo dos Sóvietes de Cronstadt, de convadir todos os operários, incluindo os não comunistas, a enviar delegados a uma conferência que deve celebrar-se em Petrogrado, na qual se poderá fazer livremente críticas ao governo sem temor de represálias. — Rádio.

A Polónia quer atacar a Rússia

LONDRES, 9.—Um jornal de Copenague diz que segundo informação de Moscova, a Polónia prepara uma ação contra a Rússia, de acordo com a Inglaterra e a Rússia. — Rádio.

Os Sóvietes não desejam agredir a Ásia Menor

LONDRES, 9.—Tchitcherine declarou a um correspondente do Daily Herald que os Sóvietes não preparam nenhuma agressão na Ásia Menor e que estavam dispostos a observar estritamente as cláusulas do convénio com a Ásia Menor.

A TAL AMNISTIA

não é ordem de softura para uns tantos?

Até à hora de fechar o nosso jornal, um só preso operário, que as questões sociais ou económicas levaram à cadeia, foi restituído à liberdade. Temos os ouvidos cheios de frases ócias, preferidas no parlamento, nos jornais, nos cafés e nas ruas. Por toda a parte se ouve dizer que a hora é de pacificação, de harmonia.

Temos de facto reparado em alguns indícios de perfeita harmonia entre monárquicos, católicos e republicanos. Notámos, porém, que a harmonia e a pacificação é só lá entre eles.

A amnistia aos presos políticos — diz-se também — virá coroar essa obra de pacificação. Mas, afinal, a pacificação, o amor e a concórdia são só para os que estão de socialismo para trás.

A pacificação começa nos republicanos e acaba nos absolutistas. A amnistia parece ter sido feita de propósito para que os presos por questões sociais continuem na cadeia. Será assim? Não assim? Em cada hora que passa mais avolumam-se estas nossas desconfianças. Sobre o mundo dos trabalhadores, tanto urbanos como rurais, a prelatura que atravessemos lhe incutiu no espírito.

Alegremos esses esforços pela cultura popular, porque são um sinal de que vamos voltar aos tempos em que se fazia tanto amor e com tanta tenacidade — je quanto propaganda poderemos fazê-la — propagar a pacificação, de harmonia.

O Ateneu Popular volta a exercer a sua actividade. Podem os seus reorganizadores contar com todo o nosso apoio.

A GREVE

dos

Trabalhadores dos jornais

Prosegue a luta

Nunca a classe alguma em grave tempestade obteve tantos obstáculos como os trabalhadores dos jornais, que no entanto conserva o mesmo espírito de resistência do primeiro dia.

As empresas jornalísticas, que desde o início do movimento procuraram por todos os meios, os mais deslizantes, estabelecer a confusão entre os trabalhadores em luta, tem inventado toda a casta de mentiras para ver se conseguem os seus fins. Uma a uma se vão desfazendo as aforadas das empresas, devendo elas já estar convencidas que não desmoronar facilmente a solidariedade de classes que sabem o que querem.

Os governos, quando deviam exercer um papel neutral em conflitos desta natureza, temem-se prestado a colaborar com as empresas, dando-lhes militares para confeccionarem os jornais, mas nem mesmo assim o moral dos grevistas se tem ressentido, porque os anima o desejo de verem satisfeitas as reclamações apresentadas e pelas quais lutam com entusiasmo.

Pois apesar desses obstáculos e ainda das tendenciosas notícias que de vez em quando publicam os jornais das empresas sobre o movimento, ele prossegue e prosseguirá até que as referidas empresas se resolvam a entrar no caminho que desde o princípio deviam ter trilhado, que é o de atender as classes reclamantes.

A solidariedade da classe operária

A Associação de Classe dos Empregados Menores dos Correios e Telégrafos, na sua última reunião, deliberou contribuir com 100000 para auxílio dos trabalhadores dos jornais em greve, quantia que já foi entregue ao tesourero.

Também o Sindicato Único dos Operários da Construção Civil votou na sua última reunião a quantia de 50000, com o mesmo fim e que igualmente foi entregue ao mesmo tesourero.

Do comité de greve recebemos a seguinte comunicação:

Tendo o comité conhecimento de uma loi publicada em alguns jornais sobre os operários manipuladores de pão, que dizia que uma comissão tinha sido criada pelo sr. presidente do ministério, e que depois disso manda retornar o trabalho, é avisado a classe em geral que essa comissão foi ali apenas por sua iniciativa e não porque a loi mencionada lhe tivesse sido dada.

Este comité apela para todos os operários manipuladores de pão no sentido de que este comité responda ao presidente do ministério, e que a classe em geral que a comissão foi ali apenas para sua iniciativa e não porque a loi mencionada lhe tivesse sido dada.

O correio começava a passar. Uma carregaria deslocou rapidamente, ouviram-se algumas vidas à pátria, frouxamente correspondidos, palmas de batalha e berros soltos; levava o presidente da república, o sr. Bernardino Machado e não sabemos quem mais. Voltou-se depois a monotonia da expectativa.

Pede mais este comité aos camaradas que leiam todos os dias a Batalha que publicar as notícias da comissão sobre o movimento.

Não esmorece, a classe, que este comité é vigilante e nele pode confiar para que aí seja um facto.

Enfim! — Um bispo que passa —

Aplausos delirantes

O que vai na Rússia

segundo a "Rádio"

BERLIM, 9.—Informam que Maximiliano Gorki publicou um apelo urgente para que fosse prestado auxílio à mentalidade russa, que via em deploráveis condições por falta de recursos, tendo o governo recusado aceitar a importação de muitas dívidas de géneros alimentícios. — Rádio.

Paris, Março de 1921.

Augusto Hamor

## Cultura popular

Já aqui temos feito larga referência a algumas valiosas instituições que últimamente se tem constituído e que grande contribuição tem dado à educação popular, tan necessária neste momento em que uma nova fase da vida social parece avizinharse.

Afastado, pela imoralidade das distâncias burguesas, das belas naturais, da arte e da ciéncia; envenenado pelas mentiras convencionais da vida actual; corrupto pelas espectáculos que lhe proporcionam as empresas mercantilistas, numa exploração criminosa da sua ignorância, o povo precisa destas fontes de ar puro para regeneração do seu espírito, para purificação das suas ideias. Temos seguido com intensa satisfação a obra da Universidade Popular Portuguesa, cuja actuação tem sido de grande valor para contrabalançar a desmoralização que desjamos ser impossível. É preciso cultivar a educação acima de tudo.

É com essa objeção que uma outra instituição nossa, inteiramente nova, vai resurgir. Referimo-nos ao Ateneu Popular.

Grandezza pela sua accão no pouco tempo da sua vida, vai exercer-se de novo a sua actividade. Actividade ben salutar e para a qual todos nós, homens de idéias, devemos dar o nosso concurso.

O tremendo cataclismo que durante quatro anos abalou o mundo, e cujas consequências tão de fazer sentir grandeza, não deixaram de fazer sentir longo tempo, envolveram a humildade numiva hiediona de perverção e de egoísmo, filhos da cegueira pelo lucro, pelo lado e pela miséria do outro. E cá de nosso lado a influência da sua passagem também se fez sentir grandemente. É necessário que a afastemos, que nos aproximemos mais ainda da verdade e da razão, e que connosco arrastemos a multidão eivada dos maus que o terrível momento que atravessamos lhe incutiu no espírito.

Surge de novo o Ateneu Popular, uma escola onde os nossos pensamentos são levados ao público, uma fonte donde a massa ignorante emanará para a massa ignorante de sempre e mais preventida do que nunca.

A revolução é uma obra colossal em que todos trabalhamos. O Ateneu Popular pode ser e há-de ser uma máquina poderosa que todos devemos ajudar para a construção da nossa obra.

Não basta que sobreponhamos as pedras que não formam o nosso edifício. É preciso que as firmemos sólidamente para que sólido possa ser o nosso trabalho. E assim, estando aí aquela gente ali a fazer, senão gosando um espectáculo raro?

A rua não comportava mais multidão. Como uma maré que enche, os espaços são diminuídos; olhava-se por ali a baixo e era um mar de cabeças, vasto, infinito. O sol estava magnífico; os seus raios vivificantes tudo iluminava; os vermelhos eram mais vermelhos, os amarelos lavrados dos lençóis das saídas; que vieram à cidade para gozar este grande dia, brilhavam como o ouro velho; a diversidade de formas deslumbrava a vista. Tantas cabeças diferentes!

Surge de novo o Ateneu Popular, uma escola onde os nossos pensamentos são levados ao público, uma fonte donde a massa ignorante emanará para a massa ignorante de sempre e mais preventida do que nunca.

A revolução é uma obra colossal em que todos trabalhamos. O Ateneu Popular pode ser e há-de ser uma máquina poderosa que todos devemos ajudar para a construção da nossa obra.

Não basta que sobreponhamos as pedras que não formam o nosso edifício. É preciso que as firmemos sólidamente para que

